



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



CULTURA
ACADÊMICA
Editora

A Linguagem de Kant e a Autocrítica de Wundt:

O Papel da Filosofia Crítica no Desenvolvimento da Psicologia Científica no
Século XIX

Saulo de Freitas Araujo

Como citar: ARAUJO, S. de F. A Linguagem de Kant e a Autocrítica de Wundt: o papel da filosofia crítica no desenvolvimento da psicologia científica no século xix. (org.). **A linguagem em Kant. A linguagem de Kant.** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2018. p. 269-280.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2018.978-85-7249-010-8.p269-280>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

CAPÍTULO 14.

A LINGUAGEM DE KANT E A AUTOCRÍTICA DE WUNDT: O PAPEL DA FILOSOFIA CRÍTICA NO DESENVOLVIMENTO DA PSICOLOGIA CIENTÍFICA NO SÉCULO XIX

Saulo de Freitas ARAUJO

Que Kant tenha desempenhado um papel fundamental na história da filosofia desde o fim do século dezoito é um fato bem conhecido, sobre o qual não paira nenhuma dúvida. Não tão óbvia, contudo, e até certo ponto ignorada na literatura, é sua influência positiva sobre o desenvolvimento histórico das ciências empíricas. Meu objetivo é mostrar a íntima relação que existe entre a filosofia crítica de Kant e o desenvolvimento histórico da psicologia científica, usando o caso de Wilhelm Wundt, um de seus personagens principais na segunda metade do século dezenove.

O presente trabalho foi financiado pelo CNPq.

<https://doi.org/10.36311/2018.978-85-7249-010-8.p269-280>

Isso não significa que a historiografia da psicologia tenha ignorado por completo o nome de Kant. Sua crítica à psicologia empírica em *Metaphysische Anfangsgründe der Naturwissenschaften* (KANT, 1911), por exemplo, é frequentemente mencionada nos manuais tradicionais de história da psicologia. Contudo, com poucas exceções, a literatura secundária tem falhado em pelo menos três aspectos. Primeiro, a maneira como as ideias de Kant têm sido normalmente apresentadas raramente revela sua originalidade ou a profundidade de seu pensamento, o que tem levado a uma incompreensão de seus argumentos. Em segundo lugar, a influência de Kant sobre o desenvolvimento da psicologia é afirmada de uma forma muito genérica e abstrata, como se fosse válida para todos os casos particulares. Finalmente, há uma ênfase exagerada sobre o aspecto negativo de sua crítica, deixando de lado seu papel potencialmente positivo no estabelecimento da psicologia científica. No intuito de superar esses obstáculos metodológicos, eu vou oferecer aqui: a) um contexto específico, no qual a influência de Kant pode ser detectada para além de qualquer dúvida razoável; b) uma abordagem positiva para tal influência.

Meu ponto de partida é a confissão do próprio Wundt acerca de seu débito intelectual com Kant, que aparece no prefácio da primeira edição de seu livro mais famoso – *Grundzüge der physiologischen Psychologie* –, publicado originalmente em 1874. Diz Wundt (1874, p. vi, tradução nossa):

Eu não posso deixar de acrescentar à polêmica contra Herbart o pedido de que se possa simultaneamente apreciar a importância que eu atribuo a esse filósofo, a quem eu mais agradeço, depois de Kant, pela formação de minhas posições filosóficas.¹

Essa confissão, que tem sido completamente ignorada na literatura, é importante pelo menos por três razões: 1) ela acontece ao final do período de 11 anos de silêncio (1863-1874), durante o qual Wundt empreendeu uma reflexão filosófica sistemática sobre os fundamentos das ciências empíricas; 2) é a única passagem na obra de Wundt em que ele admite uma influência direta e positiva de Kant; 3) é neste livro que encon-

¹ Todas as traduções foram feitas diretamente do original alemão e são de minha inteira responsabilidade.

tramos, pela primeira vez, o desaparecimento do conceito de inconsciente, que até então era a noção central da psicologia wundtiana.

A tese que vou defender aqui é a de que Kant foi a inspiração central por trás dessa mudança de perspectiva por parte de Wundt acerca dos fundamentos conceituais da psicologia científica. Mais especificamente, quero mostrar que a recepção e apropriação da *Crítica da Razão Pura*, embora seletiva e peculiar, levou Wundt a rever todo seu projeto psicológico inicial, o que, por sua vez, o obrigou a abandonar a noção de inconsciente como uma ilusão lógica. Vamos ver como isso aconteceu.

1. A TEORIA LÓGICA DA MENTE

A primeira vez que Wundt empregou o conceito de inconsciente foi em um artigo de 1858 (*Sobre o Tato*), posteriormente incluído como capítulo inicial de seu primeiro livro de psicologia (WUNDT, 1862). Aqui, o inconsciente é concebido como inferência inconsciente (*unbewusster Schluss*), o processo psíquico que permite a formação da percepção (*Wahrnehmung*) a partir da sensação (*Empfindung*):

A análise das percepções locais e espaciais por meio da pele nos mostra que elas não são dadas imediatamente com a sensação, mas que entre a sensação e a percepção ainda há um processo psíquico no meio. [...] A *inferência inconsciente* é o processo que se alinha à sensação, e cujo curso, simples ou mais frequente, possibilita que ela se torne uma percepção. (WUNDT, 1862, p. 65, grifo do autor).

Em seguida, Wundt especifica a natureza dessa inferência inconsciente. Segundo ele, o processo uniforme da percepção se revela como “[...] um grande processo *indutivo*, cujas ramificações individuais repetem aquela forma em uma escala menor.” (WUNDT, 1862, p. 439, grifo do autor).

Finalmente, ele estende a natureza lógica das inferências inconscientes também à esfera da consciência, garantindo assim a continuidade entre todos os processos mentais. Desta forma, toda a vida mental passa a ser entendida como a manifestação de leis elementares universais. De acordo com Wundt (1862, p. 450, tradução nossa)

Essas leis elementares são as leis fundamentais da lógica. Operando inconscientemente, elas formam a percepção a partir das sensações que surgem em sequência regular, desenvolvem a consciência a partir de uma série de percepções, dominam o mundo das representações, formam conceitos a partir de representações e, finalmente, constroem ideias e sistemas a partir de conceitos.

No intuito de esclarecer a mudança radical que Wundt introduziu no seu projeto psicológico, é necessário aqui recapitular a estrutura do seu argumento. Ele afirma, primeiro, que todo processo mental é um processo lógico (Tese 1). Em segundo lugar, ele defende a existência de uma vida mental inconsciente, que precede e determina a formação da consciência (Tese 2). A teoria das inferências inconscientes (Tese 3) é uma consequência das teses 1 e 2, que são mutuamente independentes. Tomadas em conjunto, elas constituem aquilo que chamei alhures de a “teoria lógica da mente” de Wundt (ARAÚJO, 2016), que é o elemento unificador de todo seu primeiro programa de psicologia (1858-1863).

Depois de 1863, Wundt começou a suspeitar que sua teoria lógica da mente poderia não ser uma boa explicação para os fenômenos mentais. De fato, ao longo dos anos seguintes, ele veio a abandonar todas as três teses e a propor um novo projeto de psicologia, baseado em uma nova teoria da consciência, que aparece pela primeira vez no já referido tratado de psicologia fisiológica (WUNDT, 1874). A questão fundamental, então, é explicar essa ruptura.

2. A RECEPÇÃO E O USO DA CRÍTICA DA RAZÃO PURA

A chave para elucidar o abandono da teoria lógica da mente está no primeiro livro filosófico de Wundt – *Die physikalischen Axiome und ihre Beziehung zum Causalprinzip* –, publicado em 1866 e igualmente ignorado pela literatura. Seu objetivo fundamental era investigar os fundamentos dos axiomas da física, incluindo seus elementos *a priori* e *a posteriori* (WUNDT, 1866).

Tendo esse objetivo em vista, Wundt define como primeiro passo de sua investigação uma reconstituição histórica do surgimento de cada um dos axiomas. Assim, analisando suas particularidades, encontra um

fator comum presente na constituição de todos eles, a saber, *a transposição de formas lógicas de nosso pensamento à realidade física*, que gera um conjunto de afirmações ontológicas. Por exemplo, o segundo axioma exigiria a aplicação da relação de fundamento (*Grund*) e consequência (*Folge*), que é uma separação lógica, à relação de causa (*Ursache*) e efeito (*Wirkung*), que se refere a uma conexão entre fenômenos físicos (WUNDT, 1862, p. 21-34). Assim, para ele, de uma separação puramente conceitual deduziríamos uma separação espaço-temporal entre os fenômenos. Em outras palavras, somente transpondo para o nível ontológico aquela separação lógica entre uma condição antecedente e sua consequência é que poderíamos afirmar que a causa do movimento de um corpo situa-se fora dele. Como ele afirma: “Não se trata aqui de uma separação nos objetos, mas apenas de uma separação de nossos conceitos. Transferimos nossos conceitos para o mundo exterior. A partir de conceitos hipostasiados, construímos as coisas.” (WUNDT, 1866, p. 78, tradução nossa).

Wundt vê nessa transposição de formas de pensamento à realidade, contudo, um grande problema: é possível desenvolver outras operações lógicas e conceituais, que contradizem a experiência e procuram provar exatamente o contrário daquilo que os axiomas expressam. Deste modo, somos levados ao que ele chamou de “antinomias ontológicas”, isto é, uma série de teses e antíteses sobre a realidade física, que acabam constituindo uma intensa disputa dialética, em que ambas as partes procuram inutilmente impor seus argumentos como unicamente verdadeiros (WUNDT, 1866, p. 79). Por exemplo, a tese do segundo axioma afirma que “[...] toda causa de movimento se situa fora daquilo que é movido.”, enquanto a antítese diz que “[...] toda causa de movimento se situa dentro daquilo que é movido.”. O resultado, para Wundt (1866, p. 85, grifo do autor, tradução nossa), é uma disputa inútil:

Todas as teses têm em comum o fato de transformarem a separação de ambos os conceitos – causa e efeito – em uma separação nos fenômenos, enquanto que as antíteses fazem corresponder à inseparabilidade desses mesmos conceitos uma confluência dos fenômenos. É comum, portanto, tanto às teses quanto às antíteses o fato de que elas transpõem para os fenômenos aquilo que é apreendido no conceito. Assim, *ambas* as séries de provas acabam em uma *sofística vazia*, que em relação à realidade do evento nada prova.

Para Wundt, a emergência dessas disputas dialéticas estava relacionada ao uso inadequado, de ambos os lados, do princípio de causalidade (*Kausalprinzip*). Como ele afirmou: “A origem daquela disputa dialética pode ser explicada por uma diferença na concepção do princípio de causalidade, que é assumido em cada um dos seis axiomas.” (WUNDT, 1866, p. 87).

Para solucionar o problema das antinomias, Wundt sugeriu uma separação radical entre o conceito de causalidade (*Kausalbegriff*) e a lei da causalidade (*Kausalgesetz*). O primeiro não contém nada referente à simultaneidade ou à sequência temporal. Na verdade, tanto a tese quanto a antítese possuem, pois, o mesmo direito, já que os eventos podem acontecer tanto em sequência quanto simultaneamente. A questão é que não devemos confundir conceitos com fenômenos, como alerta Wundt (1866, p. 96-97, grifo do autor, tradução nossa):

A antinomia desaparece completamente quando observamos que o conceito de causalidade não contém em si mesmo nada sobre a sequência temporal ou a simultaneidade. O *conceito* de causalidade não afirma nada sobre a *lei* da causalidade. Todo esforço de derivar esta última a partir do primeiro leva a uma afirmação ontológica. A lei causal é uma *lei fenomenológica*, é a *lei mais geral da conexão dos fenômenos*. É útil, portanto, afastar já de sua expressão toda relação que remonte a conceitos e não a fenômenos. [...] Expressa em sua forma puramente fenomenológica, a lei causal deve significar o seguinte: ‘*Todo evento está em uma conexão imutável com outro evento*’. [...] Queremos indicar, sobretudo, que em nossa lei não apenas o efeito, mas também a causa é transformada em um *evento*.

É bem verdade que, em todas as passagens anteriores, não há sequer uma referência a Kant, o que poderia despertar uma suspeita irrefletida sobre a tese que estou aqui defendendo. Contudo, uma análise mais atenta dos argumentos apresentados por Wundt revela seu débito para com o filósofo de Königsberg, especialmente sua *Crítica da Razão Pura* (KANT, 1998). Começando pelo plano geral do livro de Wundt, é possível indicar pelo menos dois aspectos da influência de Kant. Primeiro, a questão geral que Wundt estava investigando, a saber, os fundamentos dos axiomas da física, está relacionada a um dos tópicos levantados por Kant na *Crítica*: a separação dos constituintes *a priori* e *a posteriori* do nosso conhecimento

empírico (KANT, 1998, B1–6). Em segundo lugar, a análise de Wundt reflete a *Dialética Transcendental* de Kant em, no mínimo, quatro níveis: 1) ele tomou o conceito de antinomia como ponto de partida para sua solução; 2) usou o adjetivo ‘dialético’ no mesmo sentido negativo para se referir a um tipo de sofisma (KANT, 1998, B397–398)—em suas próprias palavras, “[...] uma sofística vazia, que não prova nada acerca da realidade do evento.” (WUNDT, 1866, p. 85); 3) assim como Kant (1998, B454–489) tinha feito com as *Antinomias Cosmológicas*, Wundt também listou, lado a lado, cada tese e antítese, formulou uma prova para cada uma delas e indicou onde estava o erro (WUNDT, 1866, p. 80–83); e 4) a afirmação de Wundt, segundo a qual o problema das antinomias se origina de uma transposição de formas lógicas à realidade também sugere a ideia geral da *Dialética* de Kant (1998, B353–354).

No segundo capítulo, ao mostrar que todos os axiomas da física têm sua origem numa transposição inadequada de nossas formas lógicas ao mundo externo (WUNDT, 1866, pp. 6-78), Wundt parece tomar de empréstimo a ideia geral da *Dialética Transcendental*, que é desmascarar um erro natural da razão humana, a saber, o de atribuir valor objetivo a princípios puramente subjetivos. Diz Kant (1998, B353-354):

A causa disto é que em nossa razão (considerada subjetivamente como uma faculdade humana de conhecimento) há regras fundamentais e máximas relativas ao seu uso, que possuem inteiramente o aspecto de princípios objetivos, através do que a necessidade subjetiva de certa ligação dos nossos conceitos, em favor do entendimento, é tomada como uma necessidade objetiva da determinação das coisas em si.

No terceiro capítulo – intitulado “Antinomias Ontológicas” – Wundt praticamente imitou a estrutura que Kant utilizou na apresentação das “Antinomias Cosmológicas” (KANT, 1998, B454-489). Ao colocar lado a lado tese e antítese, sua intenção era mostrar como elas cometem o mesmo erro: um uso inadequado da razão. É novamente Kant (1998, B448-449, itálico no original, tradução nossa) quem afirma:

Quando, no uso dos princípios do entendimento, não nos limitamos a aplicar a nossa razão aos objetos da experiência, mas ousamos estendê-la para além dos limites desta última, surgem teses *sofísticas*, que da

experiência não podem nem esperar confirmação nem temer refutação, sendo que cada uma delas não somente não encerra contradição em si mesma, mas que encontra na própria natureza da razão condições da sua necessidade. Só que, infelizmente, a proposição contrária também tem a seu favor razões igualmente válidas e necessárias para a afirmação.

É bem verdade que, quando Wundt anuncia, ao final do terceiro capítulo, que a origem de todas as antinomias se deve a distintas concepções do princípio de causalidade, ele está se distanciando completamente da solução kantiana, que vê na origem das antinomias cosmológicas a objetivação (ontologização) do absoluto ou incondicionado, que é apenas uma ideia da razão, mas que nunca pode tornar-se objeto de experiência possível (KANT, 1998, B593-594). Nesse momento, porém, aparece de forma ainda mais clara a peculiar apropriação que Wundt faz da *Crítica* de Kant. Agora, Wundt estava tomando de empréstimo alguns elementos da *Analítica Transcendental*. Neste contexto, a lei causal desempenha em Wundt um papel similar ao da *Segunda Analogia da Experiência*, que é um princípio formal que torna possível a ordem determinada dos eventos no tempo (KANT, 1998, B233–256). Para Kant, isto requer que assumamos uma determinação *a priori* do tempo em termos de sequência temporal – em oposição à permanência (*Primeira Analogia da Experiência*) e à simultaneidade (*Terceira Analogia da Experiência*) –, que é uma função das categorias esquematizadas. No entanto, para Wundt, não há determinação *a priori* do tempo em termos de sequência ou simultaneidade. Infelizmente, ele nunca explicou como a sequência temporal poderia emergir posteriormente na experiência.

Em que pesem, porém, todas essas qualificações, a influência de Kant parece aqui inegável. De fato, é difícil explicar de outra forma a presença marcante em sua obra da tese segundo a qual formas lógicas ou regras de raciocínio não devem ser confundidas com objetos de conhecimento.

3. A REJEIÇÃO DA TEORIA LÓGICA DA MENTE

Poder-se-ia perguntar agora: qual é a relação entre essa investigação sobre os axiomas da física, que em princípio nada têm a ver com a psicologia, e o abandono da teoria lógica da mente?

É importante ter em mente que, nos seus 11 anos de silêncio (1863-1874), Wundt suspendeu temporariamente todas as afirmações ontológicas sobre a natureza do inconsciente, vindo finalmente a eliminá-lo de seu projeto psicológico. De que outra forma seria possível explicar as críticas de Wundt às teses ontológicas na psicologia, se não apelarmos para o desenvolvimento e a consolidação de suas novas posições filosóficas, que resultaram de seus intensos estudos de lógica e epistemologia iniciados em 1865, cujo fruto imediato foi seu primeiro ensaio filosófico em 1866? Nesta perspectiva, não causa surpresa que Wundt tenha contrastado a tese epistemológica central de seu ensaio sobre os axiomas – a transposição de nossas formas lógicas de pensamento à realidade produz equívocos ontológicos – com a sua teoria psicológica inicial, vendo-se obrigado a rejeitá-la.

Uma forte evidência em favor de minha interpretação pode ser encontrada em seu discurso inaugural na Universidade de Leipzig, em 1875, um ano após ele ter abandonado oficialmente sua teoria das inferências inconscientes. Wundt reconheceu aqui, pela primeira vez, as implicações de sua crítica ontológica anterior para a sua teoria psicológica:

Aquela hipótese lógica sobre a emergência de nossa percepção sensorial nada mais é, na verdade, do que uma transposição de nossa reflexão sobre o processo para o processo em si mesmo. Ela não fornece uma explicação dos processos psicológicos reais, pois, ao invés de concebê-los objetivamente, ela revela a perspectiva subjetiva do observador que reflete (WUNDT, 1876, p. 11, tradução nossa).

Alguns anos mais tarde, na segunda edição de *Grundzüge* (1880), essa mesma posição aparece de forma ainda mais clara e elaborada, representando a posição final de Wundt (1880, II, p. 204, tradução nossa) sobre o assunto:

A tendência dos psicólogos de atribuir às representações uma existência eterna na mente inconsciente surgiu da circunstância, mencionada no início, de que nós nunca podemos pensar uma representação desaparecida da consciência de outra forma que não seja com as características que ela possui na consciência. Esse modo de conceber as representações, derivado das limitações necessárias de nossa consciência, é transferido para as próprias representações. Desta forma, elas são hipostasiadas como seres, que apenas através de uma espécie de milagre poderiam desaparecer.

Nas duas passagens anteriores, também não há nenhuma referência a Kant. Entretanto, a relação lógica entre a tese nelas defendidas e a tese apresentada no livro sobre os axiomas da física é inegável. Assim, se foi possível estabelecer a influência de Kant no primeiro caso, somos obrigados a aceitá-la também no segundo. De fato, elas refletem a continuidade da reflexão de Wundt sobre os fundamentos da psicologia, que ele havia começado a empreender em 1863.

4. OBSERVAÇÕES FINAIS

Com base nos argumentos e nas evidências textuais apresentados até aqui, é possível concluir que foi Kant quem despertou Wundt de seu sono dogmático, ao mostrar-lhe que formas lógicas ou regras de raciocínio não devem ser confundidas com objetos de conhecimento. No entanto, como vimos, a apropriação que Wundt fez da *Crítica* foi seletiva e peculiar. Seja como for, no presente contexto o que importa é apenas demonstrar a influência de Kant no desenvolvimento intelectual de Wundt, não o grau de adequação ou fidelidade da recepção wundtiana.

Uma última questão, porém, em aberto. O apelo a Kant permitiu-nos explicar somente o primeiro momento da ruptura teórica de Wundt, que diz respeito às teses 1 (panlogismo mental) e 3 (inferências inconscientes). Acontece que a recusa da natureza lógica do inconsciente não implica a impossibilidade de sua existência como processo psíquico de outra natureza. De fato, para rejeitar o inconsciente como processo psicológico real, Wundt foi obrigado a desenvolver uma outra estratégia, que consiste em dois passos: uma nova teoria da consciência e o deslocamento do inconsciente, primeiro para a dimensão fisiológica e depois para o domínio daquilo que não pode ser conhecido. Isso, contudo, extrapola os limites da presente investigação.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, S. F. *Wundt and the philosophical foundations of psychology: a reappraisal*. New York: Springer, 2016.

KANT, I. Metaphysische Anfangsgründe der Naturwissenschaften. In: KANT, I. *Kants gesammelte Schriften*: Akademie-Ausgabe. Berlin: Reimer, 1911. v. 4. p. 465-565.

KANT, I. *Kritik der reinen Vernunft*. Hamburg: Meiner, 1998.

WUNDT, W. *Beiträge zur Theorie der Sinneswahrnehmung*. Leipzig und Heidelberg: C. F. Winter, 1862.

WUNDT, W. *Die physikalischen Axiome und Ihre Beziehung zum Causalprincip*. Erlangen: Enke, 1866.

WUNDT, W. *Grundzüge der physiologischen Psychologie*. Leipzig: Engelmann, 1874.

WUNDT, W. *Über den Einfluss der Philosophie auf die Erfahrungswissenschaften*. Leipzig: Engelmann, 1876.

WUNDT, W. *Grundzüge der physiologischen Psychologie*. 2nd ed. Leipzig: Engelmann, 1880.